

AS CONCEPÇÕES DE CAMPO/CIDADE E RURAL/URBANO NA PRÁTICA DOCENTE DE GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Natalia Maria Pereira Cabral ¹
Yasmim Samily Menezes de Farias ²
Cynthia Lacerda Gomes da Silva Freitas³
Paulo Sérgio Cunha Farias ⁴

RESUMO

O presente artigo se propõe a analisar as concepções de campo/cidade e rural/urbano a partir das perspectivas trabalhadas em sala de aula do Ensino Fundamental na Rede Pública Municipal de Campina Grande. Busca, também, esclarecer e ressignificar tais concepções, tornando-as categorias analíticas no ensino de Geografia. Diante disso e partindo da compreensão da importância do ensino dessa disciplina para aprimorar o processo de leitura do mundo pela criança, realizamos uma pesquisa buscando entender como estes conceitos são trabalhados na dada sala de aula. A realização desse estudo sobre as concepções de campo/cidade e rural/urbano nesse contexto se constitui em uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, tendo como enfoque a análise de plano de aula e das atividades pedagógicas sobre esses conceitos, além da entrevista semiestruturada. O universo da pesquisa foi uma professora que atua na supracitada rede de ensino e desenvolve atividades e práticas com crianças em uma turma de terceiro ano. Por fim, concluímos que tais conceitos ainda são trabalhados, com os alunos, de forma dualizada, confundindo, muitas vezes, cidade com urbano e campo com o rural. Portanto, sem atentar para o fato de que cidade e campo são formas geográficas, rural e urbano são os conteúdos que preenchem essas formas. Diante do exposto, acreditando numa educação geográfica transformadora, visamos, neste estudo, mostrar os embates existentes na educação, e como ela pode ser modificada para formar o aluno de modo que ele possa agir como sujeito ativo na sua vida em sociedade.

Palavras-chave: Rural, Urbano, Campo, Cidade, Ensino.

INTRODUÇÃO

O ensino da Geografia, presente no currículo de toda a Educação Básica, como nos anos iniciais do Ensino Fundamental, implica na leitura de mundo pelo educando, na qual, ele desenvolverá a leitura espacial a partir da construção de conceitos geográficos e do domínio

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, nataliacabral@hotmail.com;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, yasmimmenezes99@gmail.com

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, cynthia.lacerda@hotmail.com

⁴ Professor orientador, doutor em Geografia pela UFPE e professor associado da Unidade Acadêmica de Educação da Universidade Federal de Campina Grande. pscfarias@bol.com.br.

dos métodos próprios de construção do saber dessa matéria, cujo objetivo é prepará-lo para atuar como cidadão em seus contextos espaciais.

Tendo em conta a importância da Geografia para a formação dos sujeitos críticos, pretendemos, neste estudo, discutir sobre as concepções de campo/cidade e rural/urbano, a partir das perspectivas trabalhadas em sala de aula dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Atentaremos em esclarecer e distinguir campo de rural, cidade de urbano; ressignificar tais expressões e inseri-las como categorias analíticas em práticas de pesquisa e analisar como tais perspectivas são abordadas no contexto escolar.

Dito assim, a princípio, abordaremos sobre a importância da alfabetização geográfica com ênfase nos sujeitos dos anos iniciais do Ensino Fundamental; posteriormente, discutiremos as distinções necessárias entre campo/cidade e rural/urbano, a partir de uma perspectiva crítica, enfatizando como estes conceitos ainda são trabalhados em sala de aula de forma tradicional; na sequência, apresentaremos a análise do plano de aula a respeito da prática da docente analisada nesse estudo e suas contribuições para o desenvolvimento das distinções dos conceitos para crianças de Ensino Fundamental e, por fim, nossas considerações finais.

METODOLOGIA

O presente estudo parte da compreensão de que o ensino da Geografia é importante para o aprimoramento do processo de leitura do mundo pelo educando. Tendo isso em vista, realizamos uma pesquisa que teve como principal interesse entender como os conceitos de cidade e campo, rural e urbano são trabalhados em sala de aula nos anos iniciais do Ensino Fundamental da Rede Pública do município de Campina Grande.

As considerações apresentadas neste artigo são resultados da realização do estudo sobre as concepções de campo/cidade e rural/urbano no contexto de sala de aula e se constituem em uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, que, de acordo com Yin (2005, p. 32), é um estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando o fenômeno e o contexto não são claramente definidos e no qual são utilizadas diversas fontes de evidência. Para isso, foi necessário analisar um plano de aula e as atividades realizadas sobre o tema de uma professora que desenvolve a prática de ensino com um grupo de crianças do terceiro ano em uma instituição da Rede Pública Municipal de

Ensino de Campina Grande-PB, além de uma entrevista com a docente, para entender as suas concepções acerca dos conceitos supracitados.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O termo "alfabetização", para Soares (2004, p. 97), não é apenas "[...] a ação de ensinar e aprender a ler e a escrever". Nessa definição constatamos basicamente um enfoque restrito à Língua Portuguesa. Para outros educadores, alfabetizar também supõe ensinar os princípios matemáticos de somar, subtrair, dividir e multiplicar. Desse modo, percebemos que seu significado percorre caminhos reducionistas que desconsideram a alfabetização em seu sentido amplo e que incorpora a "alfabetização espacial", definida por Castrogiovanni (2000, p. 11-12 *apud* FARIAS, 2014, p.81) da seguinte maneira:

Por alfabetização espacial deve ser entendida a construção de noções básicas de localização, organização, representação e compreensão da estrutura do espaço elaborado dinamicamente pelas sociedades. A representação dos segmentos espaciais é fundamental na descentração do aluno, facilitando a leitura do todo espacial. Dessa forma, o ensino da Geografia deve preocupar-se com os espaços nas suas multidimensões. O espaço é tudo e todos: compreende todas as estruturas e formas de organização e interações. E, portanto, a compreensão da formação dos grupos sociais, a diversidade social e cultural, assim como a apropriação da natureza por parte dos homens, deve fazer parte dessa alfabetização.

Este conceito amplo de alfabetização, que incorpora a alfabetização espacial, distancia-se, portanto, de todos aqueles que vemos em nossa vida estudantil, pois o que nos é fornecido, na grande maioria dos casos, é uma alfabetização que se centraliza apenas nas matérias de Português e Matemática, como se as outras disciplinas não tivessem a mesma importância. Essa perspectiva de alfabetização deve ser superada na escola de anos iniciais, pois o enfoque apenas nestas matérias, apesar de serem de extrema relevância, limita a visão do mundo do educando. Portanto, quando a alfabetização é expandida para as demais disciplinas, o professor faz com que seu aluno torne-se um sujeito mais pensante, ativo no seu processo de aprendizagem. Porém, nas escolas, é comum uma preocupação apenas com o desenvolvimento da escrita, leitura e contagem. Desse modo, Farias (2014) traz uma

discussão crítica acerca dessa formação, despertando uma necessidade de alfabetizar além do tradicional e que incorpore a alfabetização geográfica ou espacial.

Assim sendo, o ato de alfabetizar deve ser encarado no sentido amplo, pois essa é uma etapa que busca a formação integral do sujeito, possibilitando que o mesmo esteja apto a ler e agir sobre a realidade em que vive. Nessa digressão, Farias (2014) salienta a necessidade da leitura e da escrita, mas critica a visão fechada do ensino nessas habilidades e competências, acreditando, assim, em uma formação questionadora, que discuta “O que, como e para que se lê? ”. Para se fazer esse questionamento, torna-se necessário contextualizar o texto. Para isso, a alfabetização espacial ou geográfica se impõe como fundamental, pois com ela se pode construir a ponte dialética entre a palavra e o mundo. Ademais, só com essas plenas ideias que as crianças encontram sua própria identidade e constroem noções básicas de localização e compreensão da sociedade em sua espacialidade. Diante do exposto, ao se considerar a alfabetização espacial como parte de formação do aluno, o conceito “alfabetização” se amplia, passando a traduzir as relações da criança com o mundo.

Portanto, o objetivo do estudo da Geografia na escola é permitir ao aluno ler o mundo, ou seja, ler o espaço geográfico, as paisagens, as lógicas políticas, econômicas e culturais que conformam os territórios, as regiões e os lugares (FARIAS, 2014). A prática de ensino da Geografia, sobretudo na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, não deve ser encarada como uma ação de memorização de informações fragmentadas e descontextualizadas da vida do educando, pois só é possível alfabetizar geograficamente se desenvolver na criança o raciocínio geográfico para atuar ativamente em prol da construção de espaços felizes, nos quais a cidadania seja exercida em toda a sua plenitude (op. cit.). Por isso, acreditamos que a Geografia tem um papel indispensável para a formação das crianças.

No entanto, atentar para a importância da alfabetização geográfica na formação de sujeitos críticos, diz respeito à formação do professor para desenvolver as possibilidades para que isso se concretize nas escolas. Com isso, distinguir os conceitos de campo/rural e cidade/urbano faz com que esses sujeitos e, principalmente, os professores percebem que essas distinções são enfatizadas de forma tradicional e que são passadas até hoje desta maneira, o que dificulta a compreensão desses fenômenos geográficos intensamente vividos pelos sujeitos do processo ensino/aprendizagem em Geografia, como veremos logo em seguida.

Durante basicamente toda trajetória na vida estudantil são transmitidas, ao aluno, na aula de Geografia, às distinções entre rural e urbano, estes como conceitos concretos. Nessa perspectiva, as sociedades rural e urbana são definidas numa perspectiva economicista. Assim, através desse critério, “[...] a sociedade rural diferencia-se de outras populações, particularmente da urbana, envolvida em atividades ocupacionais diferentes [...]” (BIAZZO, 2008, p. 135). Desse modo, a população rural seria formada por moradores do campo que vivem do cultivo de plantas e criação de animais, e as pessoas da zona urbana seriam as que vivem na cidade e trabalham em indústrias, comércio, serviços etc.

Porém, Biazzo (2008) questiona essa visão, em seu texto “Campo e rural, cidade e urbano: distinções necessárias para uma perspectiva crítica em geografia agrária”, embora ela continue sendo amplamente utilizada do debate científico e na prática pedagógica da Geografia nas escolas.

Os conceitos de “rural” e “urbano” tornaram-se debate acadêmico no início do século XX e foram abordados de forma pragmática, como categorias operatórias que tornam, de forma tradicional, campo e rural – cidade e urbano, como sinônimos.

Muitas interpretações sobre campo, rural, cidade e urbano foram elaboradas, como destaca Biazzo (2008, p.135). A primeira interpretação sobre o tema se baseia na dualidade, considerando-os como áreas contrapostas com características próprias e isoladas. Na segunda interpretação, essa visão tradicional começa a ser relativizada por Sorokin, Zimmerman e Galpin (*apud* BIAZZO, 2008, p. 135), propondo entendê-los como um *continuum* “rural”/”urbano”, caracterizado por um gradiente de variações espaciais típicos de uma situação do rural ao urbano, diferenciando “meio rural” de “meio urbano”, segundo aspectos ocupacionais e ambientais, tamanho das comunidades e densidade populacional. Essa interpretação produz uma ideia preconceituosa de extinção da sociedade rural, do modo de vida e/ou dos espaços ditos rurais.

Em outra interpretação, nomeada difusionismo, tem-se a noção que os “espaços rurais” seriam palcos para a expansão de inovações tecnológicas provenientes dos espaços “urbanos” (SCHNEIDER *apud* BIAZZO, 2008, p. 135). A interpretação Marxista aborda a dominação do campo pela cidade, com a conseqüente urbanização e crise do campo. Essa quarta interpretação, proposta na década de 1960, apresenta questões menos pragmáticas e mais voltadas ao estudo das desigualdades, o que leva a uma minimização do espaço rural a uma sociologia agrícola. Essa indistinção entre campo, rural e agricultura gerou uma perspectiva chamada “Urbanização no campo” ou “urbanização do rural”, criticada por antropólogos e sociólogos, mas aprofundada por Graziano da Silva (*apud* BIAZZO, 2008, p.136), que

conceitua de “espaços rurbanos” aqueles cuja população “rural” desenvolve trabalhos não-agrícolas.

A quinta interpretação é a abordagem territorial, destacando que a urbanização não extingue os espaços campestres, assim ocorre o renascimento do rural com a proliferação da pluriatividade e do campo como forma de lazer. Por fim, a sexta interpretação, culturalista, na qual os modos de vida rurais são encarados como forma da cultura, relações sociais e valores.

Por seguinte, Biazzo (2008, p. 138) destaca que em quase todas essas interpretações se confunde o campo com o rural e a cidade com o urbano. Além disso, propõe uma forma de substituir a questão do rural e do urbano por ruralidade e urbanidade. Diante disso, evidência o trato desses termos de uma forma mais analítica – campo de reflexão - considerando-os como a qualidade de relações sociais que se manifestam no campo e na cidade. Portanto, o rural e o urbano só poderiam ser analisados nos espaços, que seriam o campo e a cidade.

No entanto, ainda para o referido autor (op. cit.), os termos ainda continuam sendo confundidos tanto na Geografia quanto nas demais ciências sociais que se debruçam sobre os mesmos, pois os estudiosos da questão continuam a enfatizar, por exemplo, a ruralidade no urbano ou a urbanidade no rural. Propõe que a forma mais adequada é considerar que a ruralidade acontece na cidade ou a urbanidade no campo.

Portanto, amparado nas perspectivas teóricas de Henri Léfèbvre e Milton Santos, Biazzo (2008) afirma que cidade e o campo são formas materiais concretas, materializam-se e compõem as paisagens produzidas pelo homem. Urbano e rural são representações sociais, conteúdos das práticas sociais de cada sujeito, cada instituição, cada agente da sociedade. Assim, para ele, as categorias rural e urbana não representam o espaço ou propriedades fisicamente observáveis, mas sim as relações sócias que ocorrem nos espaços citadinos ou campestres e não rural ou urbano.

Por fim, cabe-nos questionar se essas renovações no trato da temática têm sido incorporadas na prática pedagógica com a Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para compreender como são trabalhados os conceitos campo/rural e cidade/urbano foi necessário a entrevista com uma docente que atua a doze anos nos anos iniciais na Rede

Municipal de Ensino de Campina Grande. No presente momento, ela desenvolve seu trabalho em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental, com vinte e sete alunos matriculados. A professora nos apresentou seu plano de aula intitulado por “Campo e Cidade - analisando suas diferenças e semelhanças”, estruturando em dois momentos, ambos com sessenta minutos aproximadamente.

A princípio, os objetivos elencados pela docente foram: reconhecer as diferenças entre a vida no campo e na cidade; compreender as principais características da zona rural e da zona urbana; compreender as características do gênero em estudo, bem como as principais ideias; localizar informações no texto; fazer os registros nos cadernos (Figura 1). Desse modo, ao analisarmos tais objetivos percebemos nitidamente uma indistinção entre os termos, rural/campo e urbano/cidade. Não considerando, assim, que a cidade e o campo são vistos como espaços, já o rural e o urbano como aspectos que podem ser encontrados nos respectivos espaços.

OBJETIVOS
<ul style="list-style-type: none">• Reconhecer as diferenças entre a vida no campo e na cidade;• Compreender as principais características da zona rural e da zona urbana;• Compreender as características do gênero em estudo, bem como as principais ideias;• Localizar informações no texto;• Fazer os registros nos cadernos.

Fig. 01. Objetivos do plano de aula. Fonte: Plano de aula da professora.

Posteriormente, ainda no primeiro momento, presente no plano de aula, percebemos que a contação de história planejada pela professora da fábula “O rato do mato e o rato da cidade” (Figura 2) constrói uma ideia de inferioridade e superioridade desses espaços, o que é extremamente preocupante, pois Williams (1989) afirma que “o campo e a cidade são realidades históricas em transformação tanto em si próprias quanto em suas inter-relações”. Assim, as transformações e evoluções ocorrem nos dois espaços, eliminando a ideia que o campo é lugar de atraso.

Na atividade abaixo, podemos constatar uma visão preconceituosa em relação à população do campo, pois afirma que esta “vive pobremente”, tomando como parâmetro sua alimentação e moradia. Enfim, a atividade contribui para que o aluno construa uma visão generalizada, equivocada e simplória, segundo a qual só tem uma boa qualidade de vida quem habita nas grandes cidades.

O Rato do Mato e o Rato da Cidade



Um ratinho da cidade foi uma vez convidado para ir à casa de um rato do campo.

Vendo que seu companheiro vivia pobrememente de raízes e ervas, o rato da cidade convidou-o a ir morar com ele:

— Tenho muita pena da pobreza em que você vive — disse ele. — Venha morar comigo na cidade e você verá como lá a vida é mais fácil.

Lá se foram os dois para a cidade, onde se acomodaram numa casa rica e bonita.

Foram logo à despensa e estavam muito bem, comendo comidas fartas e gostosas, quando de repente entrou uma pessoa com dois gatos, que pareceram enormes ao ratinho do campo.

Os dois ratos correram espavoridos para se esconder.

— Eu vou para o meu campo — disse o rato do campo quando o perigo passou. — Prefiro minhas raízes e ervas na calma, às suas comidas gostosas com todo este susto.

Mais vale magro no mato, que gordo na boca do gato.

Fonte: Transcrição do Plano de aula - autorizado pela docente (FIGURA 2)

Ademais, a atividade sugerida pela professora (Figura 3), ainda no primeiro momento, é interessante, por possibilitar que os alunos realizem uma pesquisa para identificar um parente ou vizinho que morou na “zona rural”. Para isso, sugeriu-se a realização de uma entrevista com o mesmo, seguindo o roteiro dado pela professora. Entretanto, as distinções presentes desde os objetivos são reafirmadas nessa atividade, visto que as questões presentes no roteiro tratam o campo como rural, além de estimular que o sujeito entrevistado liste o que faz a cidade ser melhor que o campo.

Nesta atividade constatamos a forma dualista em que são abordados campo e cidade pela professora, visto que a mesma solicita o alistamento de características distintas, além de considerar mais uma vez que cidade e campo são sinônimos de “zona urbana” e “zona rural”, respectivamente.

Atividade de casa

1-Hoje aprendemos sobre as diferenças e as semelhanças da cidade e do campo. Procure em sua família ou vizinhos uma pessoa que já tenha vivido no campo e a entreviste. Faça as seguintes perguntas:

Nome?

Grau de parentesco?

Quanto tempo mora na cidade?

Como era a sua vida na zona rural?

O que mais gostava de fazer?

Por qual motivo veio morar na zona urbana?

O que tem de bom na cidade que não tem na zona rural?

E no campo o que você sente mais falta?

Fonte: Transcrição do Plano de aula - autorizado pela docente (FIGURA 3)

No segundo momento, presente no plano, a professora possibilita que os alunos elucidem como ocorreu a atividade proposta por ela, além de propiciar uma liberdade para os alunos se posicionarem sobre as respostas dos entrevistados, atentando também para a variação linguística entre esses espaços. Subsequentemente, propôs realizar uma atividade em grupo para caracterizar os dois espaços, assim, percebemos que a docente se baseia nas primeiras interpretações que consideram campo e cidade numa perspectiva dualista, ou seja, como áreas contrapostas. (Figura 4)

2º momento: Histórias de vida

Inicie a aula, pedindo aos alunos que apresentem suas entrevistas, peça para cada aluno ler seu trabalho, aproveite este momento para que eles possam expor suas opiniões sobre as respostas dos entrevistados.

Após as apresentações, proponha aos alunos para assistirem dois vídeos sobre campo e cidade, estes vídeos têm como objetivo analisar as diferenças, observando também as variações linguística (sotaques) de cada personagem.

- Construindo uma lista: após o vídeo, divida a turma em dois grupos e proponha que construam duas listas, observando os elementos que aparecem nos vídeos. Os grupos irão produzir uma lista com os elementos que estão presentes no vídeo e que fazem parte da zona urbana e uma outra lista, com os elementos que se fazem presentes na zona rural. Em seguida, confeccionar um cartaz que represente as características do campo e da cidade.

Fonte: Transcrição do Plano de aula - autorizado pela docente (FIGURA 4)

À guisa do exposto, entendemos que, por mais que a professora apresente uma metodologia que considere o aluno e suas especificidades, ainda há muitas lacunas a serem superadas em relação ao ensino de Geografia nos anos iniciais, particularmente no que tange às abordagens de campo, cidade, rural e urbano. Ao analisarmos o plano de aula e as atividades realizadas, percebemos que a professora não faz o discernimento quanto às

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

distinções entre os termos trabalhados e não há um cuidado para a superação de uma visão preconceituosa e hierarquizadora da cidade sobre o campo, além de reforçar uma abordagem dual entre essas duas formas geográficas, já que não trata de trocas, intercâmbios e conexões entre eles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização deste estudo conseguimos compreender melhor sobre a importância da alfabetização espacial, na perspectiva de propiciar aos alunos uma ampliação de sua visão de mundo, como também tornar este um ser ativo no processo de aprendizagem em situações em que o professor contemple, de forma planejada e organizada, a sua formação crítica.

Revelou-se, também, para nós, a importância de se compreender a distinção entre campo, cidade, ruralidade e urbanidade, pois emerge a necessidade de uma compreensão dessas realidades a partir das relações que são estabelecidas entre essas realidades, considerando as suas especificidades.

Acreditamos que, a partir dos estudos expostos e com base na análise realizada do plano de aula e das atividades realizadas com os alunos, esses termos ainda são trabalhados, pelo professor, de forma repetitiva, mecanizada e dual. Diante do exposto, acreditando numa educação transformadora, visamos neste estudo mostrar os embates existentes ainda hoje na educação geográfica no que toca ao trabalho com os conceitos de campo e cidade, rural e urbano, e como ela pode ser modificada a partir de perspectivas de ensino inovadoras, que formem um ser pensante, de modo que ele possa agir como sujeito ativo na sua vida em sociedade.

REFERÊNCIAS

BLAZZO, P. P., Campo e rural, cidade e urbano: distinções necessárias para uma perspectiva crítica em geografia agrária. In: **ENCONTRO NACIONAL DE GRUPOS DE PESQUISA - ENGRUP**, 4., 2008, São Paulo, p. 132 – 150.

FARIAS, Paulo Sérgio Cunha. A formação do professor de geografia para a educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. In: _____ & OLIVEIRA, Marlene Macário de

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

(Orgs.). **A formação docente em geografia: teorias e práticas**. Campina Grande: EDUFPG, 2014.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1994, 156p.

SOARES, M. Alfabetização e Letramento, Caminhos e Descaminhos. **Revista Pátio**, ano VIII, n. 29, p. 20, fev/abr. 2004a.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Cia das Letras, 1989. 439 p. (não consta o tradutor).

YIN, R. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman; 2005, p. 32